

# **Juventudes e Escolarização: trajetórias escolares de jovens em espaço social de periferia urbana.**

Oliveira y Elaine.

Cita:

Oliveira y Elaine (2014). *Juventudes e Escolarização: trajetórias escolares de jovens em espaço social de periferia urbana. VIII Jornadas de Sociología de la UNLP. Departamento de Sociología de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, La Plata.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-099/336>

**JUVENTUDES E ESCOLARIZAÇÃO: TRAJETÓRIAS ESCOLARES DE  
JOVENS EM ESPAÇO SOCIAL DE PERIFERIA URBANA**

Elaine Ferreira Rezende de Oliveira (UERJ/FFP)

(oliveiraelaine1@gmail.com)

Marcia Soares Alvarenga (UERJ/FFP)

(msalvarenga@uol.com.br)

**Palavras-chave: Juventudes, trajetórias de escolarização, espaço social de periferia urbana**

**INTRODUÇÃO**

As agendas para as políticas de direitos dirigidas à juventude ganharam contornos de preocupação nos cenários nacional e internacionais mobilizados por programas de organismos supranacionais, em especial, veiculados pela Organização das Nações Unidas a seus países membros, através do Programa Mundial de Ação para a Juventude, no ano de 1985. No Brasil, a expectativa de superação dos impactos sociais e econômicos das políticas de corte neoliberal dos anos noventa, reposiciona, tardiamente, o governo central na formulação de políticas públicas para a juventude tendo como marco o Plano Nacional da Juventude (2004) e, também, um conjunto de medidas legislativas que veio a ancorar as ações de caráter institucional para os jovens.

É nosso objetivo apresentar resultados preliminares de uma pesquisa em andamento, no âmbito do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação – Processos Formativos e Desigualdades Sociais, sobre trajetórias de escolarização de jovens que estudam ou suspenderam seus percursos escolares, com idade entre 15 e 18 anos, moradores do Complexo do Salgueiro, localizado no município de São Gonçalo, região metropolitana do Rio de Janeiro. Como questão principal da pesquisa, interrogamos sobre quais processos sócio-espaciais impactam a trajetória de escolarização de jovens que vivem em periferias urbanas com limites ao acesso de direitos de cidadania e conformam mecanismos de exclusão social.

O interesse pelo tema surgiu durante a pesquisa de doutorado de uma das autoras, que investigou a escolarização, a partir da perspectiva de mães, todas catadoras do lixo localizado no Complexo do Salgueiro, região metropolitana do Rio de Janeiro. Dos

resultados obtidos na pesquisa os que mais chamaram atenção foi a pouca escolaridade alcançada pelos jovens oriundos dessas famílias. Foram entrevistadas 10 catadoras do lixão de São Gonçalo, que tinham filhos de diversas idades, mas o grupo que mais apresentou problemas nas trajetórias de escolarização foi o grupo de nove jovens que tinham entre 15 e 18 anos<sup>1</sup>.

Temos encontrado resultados que apontam para a existência de uma estranheza em que os jovens, moradores do Complexo do Salgueiro e bairros vizinhos, e a escola parecem não se entender. Dessa forma, esses jovens desenvolvem o que Nogueira (2007) denominou de “círculo vicioso de escolarização”, característica comum nas trajetórias de escolarização dos jovens pertencentes às frações mais pobres das camadas populares e moradores das periferias urbanas.

A rigor, esta percepção de aparente “estranhamento” entre os jovens e a escola está aberta às variadas possibilidades de interpelação. Entre estas possibilidades, recorreremos à formulação teórica de Bourdieu (1997). Para este autor, o espaço social se *retraduz* no espaço físico e a relação entre a distribuição de bens e serviços no espaço físico define o valor do espaço social reificado. Compreendemos, em nossa pesquisa, que a escola não se cásula, apenas, como espaço físico, mas como espaço social que pode refletir e refratar as perspectivas atribuídas a ela pelos jovens do Complexo do Salgueiro.

No que se refere à apresentação do trabalho, para melhor discorrer sobre a pesquisa em andamento, seus resultados e considerações provisórias, estruturamos o presente artigo em três sessões. Na primeira parte apresentamos o tema escolarização de jovens das camadas populares. Na segunda parte descrevemos o cenário de uma periferia urbana e seu impacto sobre as trajetórias de escolarização dos jovens pesquisados no Rio de Janeiro. Na última parte do texto fazemos considerações sobre os resultados preliminares da pesquisa e os relacionamos a escolarização dos jovens pobres no Brasil.

## **1-Escolarização de juventudes das camadas populares**

A inclusão excludente da educação de jovens e adultos nas reformas educacionais, implementadas no país, fez com que o atendimento educacional para essa faixa etária continuasse a ser secundarizada em um período em que as demandas sociais de conhecimento e formação via escolarização se ampliaram, impulsionando as pressões

---

<sup>1</sup> Para maiores detalhes sobre a pesquisa com as catadoras, ver Oliveira 2010.

sobre os sistemas educacionais, sendo os entes municipais os que mais reverberam estas demandas. (VIEIRA, 2011).

O mapeamento dos empregos ofertados na região do leste metropolitano fluminense realizado por Júnior (2012) indicou a relação entre as ofertas que exigem menor e maior escolarização sendo observado e analisado que os empregos com menor expectativa de escolarização são os que mais se espraiam neste território e materializam a realidade concreta a qual programas governamentais, como é o caso do Projovem Urbano, parecem estar dispostos a servir na cobertura da escolarização de jovens trabalhadores, *rejuvenescendo*, em escala local, a *teoria do capital humano* (FRIGOTTO, 1995) em que a defesa da escola básica para todos aparece como o móvel abstrato para a empregabilidade.

Em pesquisa que Rummert e Alves (2010) realizaram sobre programas governamentais destinados à escolarização e qualificação para o trabalho de jovens e adultos trabalhadores, no Brasil e em Portugal, as autoras concluem que

a visão economicista constituem o determinante fundamental das propostas formuladas, não porque elas formem quadros qualificados para a inserção social no núcleo orgânico do processo produtivo, mas porque visam criar vias de escape para aqueles que não serão efetivamente incorporados, mas que precisam ser mantidos sob controle e conformados de modo que não venham a se tornar geradores de instabilidade social (p.525).

Sob condições diversas e desiguais, jovens da classe trabalhadora que interromperam ou nunca iniciaram o seu percurso escolar nos inquirim a (re)desenhar uma cartografia para além da teoria do capital humano, uma cartografia em que o lugar seja o que Santos (1999) compreende como o exercício da dialética, das contradições entre o vertical e o horizontal o Estado e o mercado.

Desse modo, a ação pedagógica dos professores, transmutadas nos exames e nas formas de comunicação com os jovens pobres, das periferias urbanas, pode auxiliar na dominação simbólica exercida pela escola sobre as classes dominadas no espaço social. Bourdieu e Passeron produziram a “Teoria da Reprodução”, que tem como objetivo explicar a reprodução das desigualdades produzidas no sistema de ensino, por meio das desigualdades de origem social dos indivíduos que nele ingressam. (BOURDIEU e PASSERON, 1982).

Desde a década de 1970, até os dias atuais, muitas mudanças ocorreram na interpretação do sistema de ensino e de sua relação com a origem social dos indivíduos. Contudo, segundo Alves et al. (2007), é inegável que a Teoria da Reprodução ainda pode ser considerada o referencial teórico mais utilizado quando se trata da relação escola e desigualdades de origem social e cultural.

Em seus últimos escritos sobre Educação, Bourdieu operou certas adequações de suas análises sobre o sistema de ensino. Contudo, ele insiste em afirmar que uma parte importante de transmissão de privilégios sociais ocorre por intermédio do sistema escolar, que, segundo o autor, ainda no final do século XX servia para “ratificar, sancionar, transformar em mérito escolar heranças culturais que passam pela família” (BOURDIEU, 2002, p. 15).

Em uma pesquisa quantitativa realizada com jovens brasileiros, Charlot (2007) considera que ao estudarmos os jovens, devemos adotar o termo juventudes, pois

“Juventude” remete a um conjunto de relações sociais entre jovens e adultos. A articulação entre essas relações e uma conjuntura histórica define a condição da juventude em uma determinada época. Essa condição faz sentido além das diferenças nacionais, geográficas, étnicas e até de gênero. Entretanto, nem por isso se deve esquecer que, adotando-se uma distinção usada por vários sociólogos brasileiros, essa condição é vivida em várias situações de gênero, classe, etnia, etc. Esse é um dos embasamentos para a utilização do termo juventudes no plural e leva a combinar o plural com a unicidade dos jovens, em especial em relação a outras gerações. (CHARLOT, 2007, p.209).

Do ponto de vista da produção acadêmica, as perspectivas conceituais sobre juventudes enlaçam a sua tematização como problema social, como transição para a vida adulta e como sujeitos de movimentos sociais, conforme destacam os estudos de (Abramo, 2007; Dayrrell, 2007; Novaes, 2007; Camarano, 2004 entre outros).

O abandono precoce dos bancos escolares pelos jovens mais pobres<sup>2</sup>, moradores das periferias urbanas, é amplamente estudado no Brasil e pode contribuir para que eles reproduzam o lugar social de seus pais, na medida em que a escola, no sistema capitalista, auxilia na transformação de desigualdades sociais em desigualdades escolares e, nesse sentido, pode reforçar a reprodução de desigualdades sociais. Desse modo, consideramos que os jovens do Complexo do Salgueiro vivem seus percursos e

---

<sup>2</sup> Em estudo sobre variáveis sociodemográficas (classe social, gênero e raça) e como elas interferem na repetência e interrupção da escolarização, Alves et al. (2007) apontam o alto capital econômico das famílias como fator de proteção contra o abandono da escola no Brasil.

trajetórias de escolarização de modo extremamente desigual, quando comparados as juventudes de classe média e alta.

Entretanto, é preciso considerar que o processo de expulsão dos mais pobres da escola ocorre hoje de forma mais branda (BOURDIEU, 2008a), se levarmos em consideração o aumento de anos da escolaridade da população nas últimas décadas.

Para Bourdieu (2008b), esse aumento de anos de escolaridade pode significar apenas que o processo de eliminação dos mais pobres foi diluído no tempo, pois, se permanecem atualmente por um período mais longo no sistema de ensino, os mais pobres também introduzem nele contradições e conflitos relacionados a uma escolaridade que tem como objetivo ela mesma, denominada “processo de democratização da educação”.

Esse fato pode contribuir na aceitação de que os mais pobres, os que estão situados na base da pirâmide social, participam do processo de reprodução de seus lugares sociais por meio da expulsão precoce do sistema de ensino, ou por uma permanência mais prolongada marcada por inúmeras repetências, o que Nogueira (2007) denominou “círculo vicioso de escolarização”, característica comum nas trajetórias de escolarização dos jovens pertencentes as frações mais pobres das camadas populares e moradores das periferias urbanas.

Logo, trabalhamos com a hipótese de que a pobreza material, o pouco capital cultural e escolar de que dispõem nas famílias de origem, assim como a socialização desse grupo de jovens na periferia de uma grande cidade, traduzidos em comportamentos e valores, podem funcionar, como características que produzem obstáculos e barreiras para as suas trajetórias de escolarização.

Nessa perspectiva, para Nogueira (1991), situar as diferentes classes ou frações de classe na inserção do mercado escolar pode nos permitir descrever práticas, estilos e comportamentos e estabelecer pontes dessas práticas com as trajetórias escolares dos indivíduos. A autora afirma que a maior característica da relação das camadas populares urbanas com o sistema de ensino é a contradição. Tal característica deve ser compreendida na relação de ambiguidade que esses grupos mantêm com a instituição escolar. Esses indivíduos sentem-se discriminados, desvalorizados e inferiorizados socialmente pela escola; contudo, não abrem mão do direito à instrução e depositam nela expectativas de promoção social, pois ainda percebem a escola como um meio para se afastarem de condições de vida precárias.

Nessa perspectiva, para investigar a escolarização de jovens do Complexo do Salgueiro, vamos recorrer a pesquisadores do campo da Antropologia e da Sociologia urbana, assim como autores que trabalham com o tema Juventudes no Brasil. Principalmente, os que produziram pesquisas sobre jovens que vivem nas periferias urbanas e a escolarização nesse contexto, tais como Alba Zaluar (1994a, 1994b, 2001, 2008), Luiz Antônio Machado da Silva (2008a, 2008b), Patrícia Birman (2008), Helena Abramo (2007), Bernard Charlot (2007 e 2001), Nadya A. Guimarães (2005), Marília Sposito (2005), Marcia Alvarenga (2011), Hebe Gonçalves (2005).

## **2- Os efeitos do lugar sobre a escolarização dos jovens**

A análise do contexto de vida de jovens moradores de periferias urbanas nos permite afirmar que eles vivem sob cerco (SILVA, 2008a, 2008b), assim como boa parte dos moradores de favelas e bairros pobres da região metropolitana do Rio de Janeiro. Esses grupos tem suas vidas cercadas pela ameaça constante da violência urbana, compreendida como “uma *representação coletiva*, uma categoria do entendimento de senso comum que consolida e confere sentido à experiência vivida nas cidades, bem como orienta instrumental e moralmente os cursos de ação” (SILVA, 2008a, p. 35; grifo do autor).

Para esses jovens e suas famílias, faltam saneamento básico, condições adequadas de moradia, equipamentos de esporte e lazer, garantias trabalhistas, atendimento médico, creches e escolas públicas de qualidade. Sobram-lhes problemas relacionados à proximidade com a violência urbana – personificada no tráfico de drogas –, à poluição e degradação ambiental, à ausência de políticas públicas de enfrentamento aos problemas decorrentes do crescimento urbano desordenado. Devido a essas condições de vida, considero que esse grupo vive em situação de vulnerabilidade social.

Esse grupo tem suas vidas cercadas pela ameaça constante da violência urbana, compreendida como “uma *representação coletiva*, uma categoria do entendimento de senso comum que consolida e confere sentido à experiência vivida nas cidades, bem como orienta instrumental e moralmente os cursos de ação” (SILVA, 2008a, p. 35; grifo do autor).

Imersos nessa realidade, os jovens desse grupo social apresentam percursos de escolarização acidentados. A seguir, apresentaremos dados sobre a escolarização desse

grupo, utilizando-me de um quadro que informa idade, grau de escolaridade alcançado, situação no sistema de ensino e ocupação.

São nove jovens, moradores do Complexo do Salgueiro, com idade entre 15 e 18 anos, sendo duas meninas e sete meninos. Seis ainda estudam e três interromperam a escolarização. Dentre os que interromperam a escolarização, há dois meninos e uma menina (Quadro 01).

**Quadro 01:** Jovens com idade entre 15-18 anos, Idade, Escolaridade, Situação Escolar Atual e Ocupação.

Nome	Idade	Escolaridade Ensino (Fundamental)	Situação Escolar Atual	Ocupação
Diogo	18	4º ano	Interrompeu	Tráfico de drogas
Daiana	17	6º ano	Interrompeu	Do lar
Danilo	15	6º ano	Interrompeu	Não trabalha
Wendell	15	6º ano	Cursando	Catador
Tales	18	7º ano	Cursando	Faz biscates
Fabrício	16	9º ano	Cursando	Faz biscates
Alex	15	7º ano	Cursando	Não trabalha
Ilma	16	9º ano	Cursando	Não trabalha
Almir	17	7º ano	Cursando	Não trabalha

**Fonte:** Dados da pesquisa.

Analisemos os motivos da interrupção dos estudos. Daiana<sup>3</sup> interrompeu a escolarização, por sentir vergonha de estudar grávida. Na ocasião da entrevista, ela estava com 17 anos, tinha um filho de dois anos e estava grávida pela segunda vez.

Dois meninos estavam sem estudar em 2008: Diogo e Danilo. Ele estava envolvido com o tráfico de drogas e não podia morar com a família. A mãe informou que a polícia o estava ameaçando de morte e já havia procurado por ele, em casa, duas vezes:

Quero que Deus resgate ele [...] pra mim, né? Não aceito, não [...] Às vezes... Você acredita que a polícia invade lá minha casa? [...] Já, duas vezes. Agora vão pegá ele pra matá [...] E anteontem, eles invadiram lá [...] Já tá fazendo 19 [anos], vai fazer 19; aí, eu não deixo, que eu tenho medo, né? Mas tá magro... [...] Ah, ele fica morando lá pra dentro [...] Tem um monte de conhecido. Oh, eu posso dizer pra você a verdade? Pra coisa errada, você sempre acha alguém que te apoia, você só não

<sup>3</sup> Todos os nomes dos envolvidos nessa pesquisa foram modificados para que a identidade dos sujeitos fosse preservada.

acha quando você quer fazer o bem. Então, casa pra ele dormir é o que não falta. Pra comer... pra comer, ele tem o dinheirinho, né? Mas só vem em casa pra tomar banho e é raro ele dormir lá em casa (ANA, 41 anos).

Como Ana previra durante sua entrevista no segundo semestre de 2008, Diogo foi assassinado em junho de 2010. As circunstâncias de sua morte ainda não foram esclarecidas. A família e os meus informantes não quiseram me fornecer detalhes sobre o seu assassinato.

Danilo, de 15 anos, está sem estudar. Ele tem um irmão de 22 anos que está preso por envolvimento com o tráfico de drogas, a mãe do menino teme que ele siga o exemplo do irmão.

Dos seis que ainda estão estudando, há cinco homens e uma mulher. Os seis adolescentes apresentam distorção idade-série. Quando completaram 15 anos, foram obrigados a se matricular em turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Três deles acumulam estudo e trabalho. Dois fazem biscates e um também é catador do lixo da cidade de São Gonçalo.

A passagem para o segundo segmento do Ensino Fundamental parece ser uma fase definidora na escolarização de jovens, período de mudança de nível de escolaridade que a maioria desse grupo encontra dificuldade para ultrapassar. Importante ressaltar que, embora consigam chegar a esse segmento, todos os jovens apresentam distorção idade-série a partir desse nível de ensino.

Nesse grupo, dois jovens se aproximam de uma escolaridade mais regular: Ilma e Fabrício. Nesse sentido, eles se destacam dos demais, pois estavam cursando o último ano do Ensino Fundamental com 16 anos, portanto, apresentavam um ano de defasagem idade-série.

Ilma estava cursando o primeiro ano do Ensino Médio durante o ano de 2009. Ela é filha de uma catadora que concluiu o Ensino Médio no grupo pesquisado. Seu pai também terminara o Ensino Médio e trabalhava como balanceiro na usina de catação que funciona na empresa que administra o lixo de São Gonçalo. Ilma é negra, tem apenas uma irmã, de nove anos. Seu avô paterno fora sargento do Exército, o que merece destaque – os avós dos demais jovens exercem profissões manuais –, ainda mais em um país como o Brasil, em que apenas 20% dos jovens não-brancos e de famílias com rendas tão baixas quanto a da família de Ilma chegam ao Ensino Médio (ANDRADE e DACHS, 2007). Essa família parece reunir alguns fatores que propiciam

percurso escolar bem-sucedido da jovem, como, por exemplo, o maior grau de escolarização dos pais.

Fabrício (16 anos), na ocasião da pesquisa, estava com a mesma idade de Ilma e na mesma série. Entretanto, não consegui contato com sua mãe, para saber se ele, no ano seguinte, ingressara no Ensino Médio. Embora Mônica (sua mãe), tenha estudado até o terceiro ano do Ensino Fundamental, afirma ter esquecido como escrever, por isso se considerava analfabeta. Seu padrasto estava concluindo o Ensino Fundamental no ano de 2009. Fabrício é o segundo de cinco irmãos: Tales (18 anos) e Milton (14 anos), que estavam no sétimo ano; Sandro (12 anos), que cursava o sexto ano; e Mariano (10 anos), que cursava o terceiro ano do Ensino Fundamental. Nessa família, Fabrício era o que havia alcançado o maior grau de escolarização até aquele momento.

Se, no caso de Ilma, posso levantar a hipótese de que sua escolaridade mais regular é devida ao fato de ela pertencer a uma família que detém mais capital escolar, no caso de Fabrício não obtivemos elementos para tal.

Analisando o grupo em sua totalidade, constatamos que a taxa de distorção idade-série entre os jovens entre 15 e 18 anos é de 100%. Esse número é assustador, pois os dados da pesquisa “Juventude e Políticas Sociais no Brasil” divulgados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) em 2008 apontavam que, no país, 34% dos jovens entre 15 e 17 anos ainda estavam no Ensino Fundamental, quando já deveriam estar cursando o Ensino Médio<sup>4</sup>. Nesse sentido, a taxa de distorção idade-série entre esses adolescentes é quase três vezes maior que a média nacional. É preciso considerar que nas “injunções do jogo escolar, os jovens originários de meios populares que conseguem permanecer por mais tempo na instituição, isto é, além do obrigatório, são constantemente submetidos a práticas de eliminação de diferentes graus em todos os níveis de ensino” (ZAGO, 2007, p. 40).

Dessa forma, a teoria produzida por Bourdieu para explicar o rendimento escolar desigual, relacionando-o à origem social dos indivíduos, pode ser utilizada para analisar esses jovens moradores do Complexo do Salgueiro, pois, segundo esse autor, “a escola sanciona, portanto, aquelas desigualdades que somente ela poderia reduzir” (BOURDIEU, 2008c, p. 61).

Levando-se em consideração o fato de as estatísticas apontarem que no estado do Rio de Janeiro a faixa etária em que mais morrem jovens é a de 15 a 18 anos, pode-

---

<sup>4</sup> Disponível em [www.diariodonoroeste.com.br](http://www.diariodonoroeste.com.br). Acesso em: 20 dez. 2009.

mos avaliar os efeitos do lugar, um conjunto de bairros pobres da periferia do Rio de Janeiro dominada pelo tráfico de drogas, que atingem esses jovens.

A vulnerabilidade social que cerca a vida desses jovens pode se tornar um fator de risco para o envolvimento com o tráfico de drogas e por consequência pode levar esses jovens ao abandono da escola.

Nestes setores mais vulneráveis à ação policial, os efeitos da própria repressão podem ser desastrosos por estimularem a criminalidade violenta. Isto porque, no combate ao uso de drogas, a polícia tem um enorme poder em determinar quem será ou não processado e preso como traficante, crime considerado hediondo. Jovens de classe média alta não chegam a ser estigmatizados como problemáticos, antissociais ou violentos, apresentando-se muito mais como jovens em busca de diversão ou, quando exageram, jovens que necessitam atendimento por médicos e clínicas particulares [...] Jovens pobres, porém, não gozam da mesma compreensão. Entre os pobres, existe maior pressão para o envolvimento com os grupos de criminosos comuns, por conta da facilidade de entrar em dívida com o traficante, da facilidade em obter armas e estímulo para ação criminosa, da facilidade de esbarrar na repressão policial que prende os “maconheiros” pobres para acrescentar números na sua folha de serviços, bem como da dificuldade em encontrar atendimento médico e psicológico quando vêm a ter problemas reais no uso e controle das drogas (ZALUAR, 2008, p. 9-12, grifos da autora).

É importante levar em consideração que o recrutamento dos jovens pelo tráfico de drogas se dá, em sua maior parte, em favelas e bairros pobres das regiões metropolitanas (ZALUAR e LEAL, 2001). Essa é uma dimensão que não pode ser negligenciada em pesquisas sobre escolarização de jovens. Dessa forma, segundo as autoras, temos de neutralizar a “socialização concorrente” organizada pelo tráfico melhorando a escola para os mais pobres, levando-se em consideração que essa “socialização” no tráfico diminui substancialmente a expectativa de vida dos homens jovens, “instituindo o medo e a insegurança na sua relação com a vizinhança e a própria cidade, além de instituir o poder do mais forte ou, pior, do mais armado” (ZALUAR e LEAL, 2001, p. 149).

### **Considerações Provisórias**

Nesta pesquisa, é importante considerar que, atualmente, mais do que nunca, temos visto o acesso dos mais pobres às escolas aumentando, pois nas últimas décadas o

Estado brasileiro aumentou as chances de entrada no sistema de ensino, quase generalizando o acesso ao Ensino Fundamental. O que mudou foi a lógica da exclusão, que agora ocorre no interior do sistema de ensino, gerando novas desigualdades. Se, atualmente, o sistema de ensino é considerado mais aberto e democrático do que nunca, cabe nos perguntarmos: que escola é oferecida aos jovens mais pobres das periferias urbanas?

Consideramos que as políticas públicas para jovens e adultos refletem e refratam o nacional no local, sobretudo pelo fato de que, ao menos nas duas últimas décadas, as políticas públicas para escolarização e qualificação para o trabalho de jovens e adultos trabalhadores terem sido fortemente marcadas por programas induzidos pelo governo federal, tais como os programas de alfabetização de jovens e adultos<sup>5</sup> e de programas de elevação de escolaridade e qualificação para o trabalho para jovens dos centros urbanos, como são os casos dos recentes ProJovem Urbano e PROEJA (Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos).

Segundo Bourdieu (2008a, p. 223), o sistema de ensino “aberto a todos” tem conseguido a façanha de “reunir as aparências da democratização com a realidade da reprodução que se realiza em um grau superior de dissimulação, portanto, com um efeito acentuado de legitimação social”.

Por outro lado, consideramos que, mesmo compreendendo as lógicas de escolarização das camadas populares por meio de uma relação de dominação, em que os professores representam os agentes dominantes e os jovens de camadas populares das periferias urbanas, os agentes dominados, não podemos nos deixar levar por “impasses conexos”, ou seja, “pensar a dominação sem autonomia ou a autonomia sem dominação” (THIN, 2006, p. 52).

Do ponto de vista metodológico, vimos realizando levantamento de acervos documentais das escolas públicas da região do Complexo do Salgueiro, adensando dados sobre frequência e abandono escolar de jovens no curso dos últimos cinco anos, com a finalidade de construirmos uma breve série estatístico-demográfica sobre fluxos entre idade e anos de escolarização dos jovens que integram o contexto da pesquisa. Também vimos recorrendo às entrevistas com jovens que estejam matriculados na rede pública de ensino ou tenham interrompido seus percursos de escolarização, o que nos permite analisar, em consonância como o nosso referencial teórico, as relações entre as

---

<sup>5</sup> Programa Alfabetização Solidária, implementado nas duas gestões do governo Fernando Henrique Cardoso (1996-2002) e Programa Brasil Alfabetizado (PBA), iniciado em 2003, no governo Lula da Silva, e mantido pelo atual governo Dilma Rousseff.

estruturas do espaço social e as estruturas do espaço físico no qual os jovens circulam e se deslocam.

Dos resultados preliminares destacamos que jovens com idades entre 15 e 18 anos são mais sensíveis à interrupção dos seus percursos escolares, o que desperta maior interesse na continuidade da pesquisa com vistas aos rebatimentos e repercussões das políticas públicas para as juventudes que considerem o lugar desses jovens no espaço social estudado.

Nesse sentido, a pesquisa possibilitará a produção de indicadores quantitativos e qualitativos sobre a situação do direito à educação de jovens e adultos no município gonçalense, evidenciando características específicas da demanda da população jovem e adulta junto à rede pública para iniciar ou continuar suas trajetórias escolares, bem como identificar fatores que obstam e/ou motivam a busca pelo direito à educação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena W. **Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil.** p.73 – 92 *in* Juventude e Contemporaneidade. Brasília : UNESCO, MEC, ANPEd, 2007.

ALVARENGA, M. S. **Educação de Jovens e Adultos em tempos e contextos de aprendizagens.** Rio de Janeiro: Ed. Rovelli, 2011.

ALVES, Fátima; ORTIGÃO, Isabel; FRANCO, Creso. Origem social e risco de repetência: interação raça-capital econômico. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 130, p. 161-180, jan./abr. 2007.

ANDRADE, Cibele Yahn de; DACHS, Norberto W. Acesso à educação por faixas etárias segundo renda e raça/cor. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 131, p. 399-422, maio/ago. 2007.

BIRMAN, Patrícia. Favela é comunidade? In: SILVA, Luiz Antônio Machado da (Org.). **Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 99-114.

BOURDIEU, Pierre. Futuro de classe e causalidade do provável. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). **Escritos de educação.** 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008a. p. 81-126.

BOURDIEU, Pierre. Os excluídos do interior. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). **Escritos de educação**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008b. p. 217-227.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e a cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). **Escritos de educação**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008c. p. 39-64.

BOURDIEU, Pierre. **Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréa Loyola**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002. 98 p.

BOURDIEU, Pierre (coord.). **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

CAMARANO, Ana A. et al. **Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros**. IPEA – Ministério do Planejamento. Texto para Discussão nº1038, Rio de Janeiro, v. 1, p. 1-29, 2004.

CHARLOT, Bernard. Valores e normas da juventude contemporânea. In: PAIXÃO, Lea e ZAGO, Nadir. **Sociologia da Educação; pesquisa e realidade**. (orgs.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. p. 203-221.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. p.155 – 178 **in Juventude e Contemporaneidade**. Brasília : UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. 284 p. – (Coleção Educação para Todos)

FRIGOTTO, G. **A produtividade da escola improdutiva**. São Paulo Cortez: 1995.

GONÇALVES, Hebe S. Juventude brasileira, entre a tradição e a modernidade. **Tempo Social**, vol. 17, n. 2. São Paulo, 2005.

GUIMARAES, NadyaAraujo. Trabalho: uma categoria chave no imaginário juvenil? In:ABRAMO, Helena & BRANCO, Pedro Paulo (orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005.

IPEA , **Juventude e Políticas Sociais no Brasil**. Disponível em [www.diariodonoroeste.com.br](http://www.diariodonoroeste.com.br). Acesso em: 10nov. 2013.

BATISTA, Glauce Junior. **ProJovem Urbano no município de São Gonçalo/RJ e seus impactos sobre a inserção de jovens no mercado de trabalho**. Dissertação de Mestrado em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais. Rio de Janeiro: FFP/UERJ, 2012.

NOGUEIRA, Maria Alice. A construção da excelência escolar: um estudo de trajetórias feito com estudantes universitários provenientes das camadas médias intelectualizadas. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (Org.). **Família & escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

NOGUEIRA, Maria Alice. Trajetórias escolares, estratégias culturais e classes sociais. Notas em vista da construção do objeto de pesquisa. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n. 3, p. 89-112, 1991.

NOVAES, R. R. Políticas de juventude no Brasil: continuidades e rupturas. In: FÁVERO, O. et al (Orgs.). **Juventude e contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, 2007.

OLIVEIRA, Elaine F. R. **Um outro mundo no mundo da escola: escolarização dos filhos das catadoras de um lixão na perspectiva das mães**. 2010. Tese (Doutorado em educação) - UFF, Niterói, 2010.

RUMMERT, Sonia Maria; ALVES, N.. Jovens e adultos trabalhadores pouco escolarizados no Brasil e em Portugal. Alvos da mesma lógica de conformidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, p. 511-529, 2010.

SANTOS, M. O território e o saber local: algumas categorias de análise. In **Cadernos IPURR**, Ano XIII, vol 2, ago-dez, 1999.

SILVA, Luiz Antônio Machado da. Violência urbana, sociabilidade violenta e agenda pública. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008a. p. 35-45.

SILVA, Luiz Antônio Machado da. Introdução. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008b. p. 13-26.

SPOSITO, Marília. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. ABRAMO, Helena & BRANCO, Pedro Paulo (orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005.

THIN, Daniel. Famílias de camadas populares e a escola: confrontação desigual e modos de socialização. In: MÜLLER, Maria Lúcia Rodrigues; PAIXÃO, Lea Pinheiro (Org.). **Educação, diferenças e desigualdades**. Cuiabá: EDUFMT, 2006. 252p. p. 17-55.

VIEIRA, S. L. Poder local e educação no Brasil: dimensões e tensões. In **RBPAE** – v.27, n.1, p. 123-133, jan./abr. 2011

ZAGO, Nadir (Org.). **Família & escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 17-43.

ZALUAR, Alba. Introdução. In: ZALUAR, Alba (Org.). **Drogas e cidadania: repressão ou redução de riscos**. São Paulo: Brasiliense, 2008. p. 7-29.

ZALUAR, Alba; LEAL, Maria Cristina. Violência extra e intramuros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 16, n. 45, p. 134-164, fev. 2001.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta: organizações populares e o significado da pobreza**. 2. ed. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1994a. 265 p.

ZALUAR, Alba. **Cidadãos não vão ao paraíso**. Campinas: EDUNICAMP, 1994b.